

“O senhor poderá observar que, da Magna Carta à Declaração de Direitos, a política constante de nossa Constituição sempre foi a de reivindicar e afirmar nossas liberdades como uma herança inalienável, deixada para nós por nossos antepassados e a ser transmitida à nossa posteridade; como uma propriedade que pertence especialmente ao povo deste reino sem nenhuma referência que seja a algum direito mais geral ou anterior. Dessa forma, nossa Constituição preserva uma unidade na imensa diversidade de suas partes. Temos uma coroa hereditária, uma nobreza hereditária e uma Câmara dos Comuns e um povo herdeiros de privilégios, franquias e liberdades de uma longa linha de ancestrais.

Esta política parece-me ser o resultado de uma profunda reflexão, ou então o feliz resultado de uma conduta que seguiu a natureza, que é sabedoria sem reflexão, pois está acima dela. Um espírito de inovação é, em geral, o resultado de um caráter egoísta e de perspectivas restritas. Um povo que não cultiva a memória de seus ancestrais não cuidará de seus descendentes. Ademais, o povo inglês sabe bem que a ideia de herança proporciona um princípio seguro de conservação e um princípio seguro de transmissão, sem excluir totalmente um princípio de aperfeiçoamento. Deixa livre a aquisição, mas assegura o adquirido. Quaisquer que sejam as vantagens que se obtenham por um Estado pautado por estas máximas, são firmemente asseguradas como em uma espécie de exploração familiar, mantidas como uma espécie de usufruto eterno. Mediante uma política constitucional que opera segundo o padrão da natureza, recebemos, conservamos e transmitimos nossos governos e nossos privilégios da mesma maneira como possuímos e transmitimos nossas propriedades e nossas vidas. Recebemos e legamos aos outros as instituições políticas no mesmo rumo e ordem que os bens da fortuna e as dádivas da Providência. Nosso sistema político encontra-se em justa correspondência e simetria com a ordem do mundo, e com o modo de existência decretado para um corpo permanente composto de peças transitórias, no qual, por meio da disposição de uma estupenda sabedoria que molda a grande e misteriosa encarnação da espécie humana, o todo, em um determinado momento, nunca é velho, ou de meia-idade, ou jovem, mas, em um estado de constância imutável, segue em frente por meio do variado sistema de decadência, queda, renovação e progressão perpétuas. Assim, seguindo o método natural na condução do Estado, no que melhoramos nunca somos completamente novos, e no que conservamos nunca somos completamente obsoletos. Permanecendo ligados a nossos ancestrais dessa maneira e sobre estes princípios, não nos guiamos pela superstição de antiquários, mas pelo espírito de analogia filosófica”.

(BURKE, 2016, p. 55-56)